



Concepções Pedagógicas e Adequações Curriculares nas Escolas do Campo

José Gilmar Magalhães¹; Joelson Rodrigues Miguel²

Resumo: Uma educação contextualizada se apresenta como de fundamental importância para desmistificar essa realidade no campo, em geral, negativamente difundida. O presente estudo objetivou uma discussão sobre as concepções pedagógicas e adequações curriculares nas escolas do campo. A metodologia consistiu em revisão integrativa com base nos aportes teóricos de autores como Araújo (2017), cuja contribuição evidenciou a necessidade e importância de consolidação de uma base curricular contextualizada com a realidade dos alunos e a importância desses saberes para valorizar e promover o desenvolvimento local; Martins (2000); Nóvoa (1992), ao defender a necessidade do diálogo entre escola e comunidade, na busca de dar sentido ao que se faz a cada instante; Antunes-Rocha (2012) que traz a compreensão de educação e desenvolvimento sustentável para o meio rural e em especial para a região semiárida; Lima e Melo (2016) traz em sua essência a dimensão politizadora da educação, compreendendo-a enquanto instrumento de humanização, libertação e emancipação dos sujeitos do campo. Os resultados nos levaram a crer que a modernidade traz muitos desafios no campo educacional, mas talvez o mais desafiador seja como nos adequar de forma rápida e, diante de tantas demandas novas? É possível que o currículo contextualizado seja uma das alternativas mais viáveis, para se atender a demanda educacional na contemporaneidade.

Palavras-chave: Concepções Pedagógicas; Adequações curriculares; Escolas do campo.

Pedagogical Conceptions and Curricular Adaptations in Rural Schools

Abstract: A contextualized education presents itself as of fundamental importance to demystify this reality in the field, in general, negatively widespread. The present study aimed at a discussion about the pedagogical conceptions and curricular adaptations in rural schools. The methodology consisted of an integrative review based on the theoretical contributions of authors such as Araújo (2017), whose contribution highlighted the need and importance of consolidating a curricular base contextualized with the students' reality and the importance of this knowledge to value and promote local development ; Martins (2000); Nóvoa (1992), in defending the need for dialogue between school and community, in the search to make sense of what is done at every moment; Antunes-Rocha (2012) that brings the understanding of education and sustainable development to the rural environment and especially to the semi-arid region; Lima and Melo (2016) brings in its essence the politicizing dimension of education, understanding it as an instrument of humanization, liberation and emancipation of the subjects in the field. The results led us to believe that modernity brings many challenges in the educational field, but perhaps the most challenging is how to adapt quickly and in the face of so many new demands? It is possible that the contextualized curriculum is one of the most viable alternatives, to meet the educational demand in contemporary times.

Keywords: Pedagogical Conceptions; Curricular adaptations; Countryside schools

¹ Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Programa de Mestrado em Ciências da Educação pela Florida Christian University (2020). Atualmente é Técnico na Coordenadoria Pedagógica de Educação no município de Itapipoca-CE;

² Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción – PY. Pós-Doutorado pela Universidade Autónoma de Asunción – PY. Pós-Doutorando pela Florida Christian University. Participa dos programas de Educação EAD, Education Without Borders Program. Orientador de Dissertações e Teses pela Florida Christian University. Autor correspondente: joelsonrmiguel@hotmail.com.

Introdução

O objetivo do presente estudo é discutir sobre as concepções pedagógicas e adequações curriculares nas escolas do campo. De que forma o currículo escolar influi e contribui na realidade comunitária. A ideia é enfatizar como acontecem os diálogos entre o currículo e a realidade rural na perspectiva de um desenvolvimento sustentável onde haja uma aprendizagem correspondente aos anseios e perspectivas de valorização do meio.

Pretende-se garantir uma reflexão que busque meios de viabilizar uma educação comprometida com os saberes que devem ser repassados, mas também que se preocupe com o preenchimento do lado humano dos alunos. Com sua vida fora do ambiente escolar e, que estes vejam o espaço rural como um lugar promissor, com capacidade de gerar riquezas materiais e imateriais, Que possam atribuir a este espaço rural o significado de que é possível ser feliz no lugar em que se vive e mora.

Acredita-se na importância de incentivar através de uma educação contextualizada a contenção do êxodo rural, principalmente entre os jovens, que por falta de orientações só conseguem enxergar o ambiente urbano como único lugar promissor, o qual buscam a todo custo.

A metodologia consistiu em revisão integrativa com base nos aportes teóricos de autores como Araújo (2017), cuja contribuição evidenciou a necessidade e importância de consolidação de uma base curricular contextualizada com a realidade dos alunos e a importância desses saberes para valorizar e promover o desenvolvimento local; Martins (2000); Nóvoa (1992), ao defender a necessidade do diálogo entre escola e comunidade, na busca de dar sentido ao que se faz a cada instante; Antunes-Rocha (2012) que traz a compreensão de educação e desenvolvimento sustentável para o meio rural e em especial para a região semiárida; Lima e Melo (2016) traz em sua essência a dimensão politizadora da educação, compreendendo-a enquanto instrumento de humanização, libertação e emancipação dos sujeitos do campo.

Concepções Pedagógicas e Adequações Curriculares nas Escolas do Campo

A escola precisa ser um local de respeito às diferenças e principalmente que as valorizem igualmente. Já que no meio educacional se fala tanto de igualdade e respeito é necessário que estas falas tomem vida dentro da escola e que seja vivenciado essa realidade dentro da escola

para que o aluno perceba que é possível vivermos em um local que valoriza e que respeita a vida e as opiniões, para que eles se sintam parte da escola e confortáveis em exporem suas identidades e opiniões. É necessário entender que dentro de um espaço escolar temos pessoas diversas e por mais que elas vivam na mesma comunidade e pertençam ao mesmo núcleo social, elas têm pensamentos, comportamentos e mentalidades diferentes, jeito e modo de vida diferentes e que jamais podem ser tratados de igual modo.

Segundo Martins, (2000):

É na escola onde se aprende a *representar* o mundo de uma forma diferente daquela anterior ao processo de escolarização, uma vez que é a escola um espaço mediado pelo conhecimento sistematizado e, sobretudo, pelo saber legítimo e legitimado; porque a escola é esse espaço primordial de disputa de saberes e, conseqüentemente, de poderes (MARTINS, 2000, p. 21).

Os currículos das escolas situadas no campo, geralmente não são interessantes para os educandos/as dessa realidade, não os atraem, pois fogem à realidade de suas vidas e não adianta inculcar a cultura da cidade aos mesmos. Pelo contrário, esses devem ser adaptados à realidade local, valorizando aquilo que faz parte da vida dos alunos e de suas famílias. O currículo escolar, ou seja, o que é ensinado aos estudantes que residem no campo deve ser articulado de maneira que dialogue com essa realidade, que trabalhe e valorize essa população que desperte o interesse em conhecer e questionarem sobre sua realidade, história, cultura, modo de vida, os desafios e possibilidade que eles encontram no meio em que vivem, este é o desafio que as escolas precisam assumir na atualidade, elaborar um currículo para a educação e população do campo que converse com a sua realidade.

Ribeiro, (2017) diz que:

Nesse sentido, na sociedade contemporânea, onde as tessituras interinstitucionais devem formar interação em rede, é preciso pensar a contextualização do ensino nas Escolas do Campo, a partir da elaboração de um projeto que comungue com as identidades camponesas, reconhecendo que as mesmas, ao longo desse tempo, criaram seus formatos de resistência e sobrevivência dentro das suas diversidades e adversidades, seus valores e saberes, propondo como ponto final a geração de uma transformação na estrutura social atual, que reafirme a importância desses personagens no percurso histórico, que originou essa realidade (RIBEIRO, 2017, p. 99).

Muitos profissionais da educação, acostumados com o tradicionalismo e sendo meros repassadores dos conteúdos que estão no livro didático, veem a contextualização como um problema, pois para eles é um trabalho extra que eles terão em estudar o conteúdo programático

e planeja-lo de forma que consiga dá sentido ao mesmo, de fato não é algo tão fácil, contudo não é impossível.

Provavelmente o costume e o comodismo de muitos educadores em não planejar sistematicamente suas aulas, em não utilizarem metodologias inovadoras e diversificadas, em não buscarem conhecer a realidade do aluno e se conformarem em serem apenas repassadores de conteúdo, faz com que muitos achem a educação contextualizada algo extremamente difícil e desnecessário, contudo Silva, (2010) diz que:

A contextualização como vimos, não pode ser encarada como uma dificuldade a mais a ser enfrentada na prática pedagógica para complicar ou tornar ainda mais complexo o processo de aprendizagem. Pelo contrário, a contextualização deve ser encarada como facilitadora no entendimento do conteúdo, dos conceitos, desvendando o seu engravidamento ou os engravidando de sentidos, de significados [...]. Essa aventura na busca do reconhecimento significativo deve ser uma viagem de desvendamento e de encanto no sentido da satisfação da curiosidade e de desencantamento no sentido de descobrir, desencantar aquilo que não estava ainda ao alcance do entendimento; abrindo janelas para o desvelamento das coisas do mundo, dando proposito ao que vemos, ouvimos e sentimos ou, ao que ainda não vemos e que precisamos ver e saber para estar no mundo e com o mundo [...] (SILVA, 2010, p. 40).

A escola precisa ser construída dentro de moldes político participativos. Desde a chegada da educação em nosso país que temos um modelo autoritário e dominador, onde as decisões de que e de como essa educação se efetiva é sempre decida por uma minoria que está no poder, este modelo precisa ser modificado, pois a educação é um processo conjunto e que deve ser construído coletivamente com a comunidade local pois são esses que sabem suas reais necessidade e interesses e quais os objetivos que eles querem alcançar com essa educação. Ao contrário do que sempre defendeu o governo que é a formação apenas para o mercado de trabalho, também precisamos de uma educação para a formação cidadã e sobretudo que o aluno tenha uma educação que o possibilite ser quem ele quiser.

É necessário que haja nas escolas uma gestão democrática e participativa. Ribeiro, (2017) afirma que:

Precisamos pensar na escola e suas instâncias, compreendendo que fazer uma educação que pretende perceber, em seus “entraves”, a perspectiva de modificar ou ressignificar seus fazeres, exige pensar em uma gestão democrática, para além dos muros institucionais educacionais, que não fuja do entendimento da necessidade do pensar na quebra do paradigma de centralização do poder arraigado no processo colonizador de educação, visando a um distanciamento de práticas educacionais que tendem a silenciar as vozes dos educadores e educadoras, educandos e educandas, dos movimentos sociais e demais agentes comprometidos com a educação em uma sociedade marcada historicamente pelas desigualdades econômicas e sociais (RIBEIRO, 2017 p. 160).

Ao longo do tempo muitas coisas se modificaram e na educação não deveria ser diferente, as realidades mudam ao longo do tempo, e da mesma maneira os educandos e educandas dos dias atuais não são os mesmos de 10 anos atrás, essas variações também se dão quando mudamos de contexto. O Brasil é o maior país da América Latina, além disso, nossa nação é a que apresenta uma grande diversidade multicultural e étnica.

É por este motivo que se pode afirmar que cada região, cada povo, cada comunidade tem suas particularidades, suas histórias e lutas, sendo assim a educação ofertada ao povo brasileiro não pode partir de um único modelo, se utilizar da mesma linguagem e metodologia ela precisa atender a todos e para isso é necessário que sejam feitas as adequações necessárias para que a realidade de cada um seja respeitada. Segundo Antunes-Rocha, (2012):

Negar a realidade local foi uma das vertentes da educação que sempre se fez nesse país, uma educação pautada nos princípios europeus. Uma educação universalista que precisava chegar a todos os lugares do mesmo jeito, como se as pessoas fossem exatamente as mesmas em todos os lugares e em qualquer época. Porém, no momento que estamos vivendo, não dá para pensar e defender um modelo de educação que se pautasse pela formalidade abstrata, em uma única perspectiva universalizante (ANTUNES-ROCHA, 2012, p. 68).

Uma das maiores dificuldades enfrentadas hoje pela não incorporação da Educação Contextualizada dentro das escolas se dá pela falta de formação dos profissionais da educação nesse tema. São poucos os educadores que conhecem a proposta da educação contextualizada e muito menos o número de educadores que a efetivam em suas aulas. As instituições de ensino superior ainda adotam um currículo muito técnico e voltado apenas para o conteúdo das disciplinas, deixando por vezes as metodologias de ensino como a contextualização de lado. Não adianta ser conhecedor de todo o conteúdo se não souber como transferi-lo ou repassá-lo para seus educandos de maneira significativa.

No entanto, a Educação Contextualizada ela tem como seus princípios a defesa da formação inicial e continuada dos profissionais da educação, para que estes consigam realizar a contextualização dos conteúdos e assim promover uma aprendizagem que seja significativa para seus alunos. Lima; Melo, (2016), afirma que:

Diante desse cenário, que as lutas travadas pelos educadores e movimentos sociais do campo pelo direito à educação trazem inúmeros desafios às universidades e instituições de ensino, associados à necessidade de se repensar os aportes políticos e teórico-metodológicos que norteiam as práticas de ensino, pesquisas e extensão, problematizando-as com o propósito de identificar a capacidade destas instituições e de suas propostas teórico-metodológicas em acolher e dialogar com os saberes e com as experiências políticas e pedagógicas construídas pelos sujeitos do campo (LIMA; MELO, 2016, p. 10).

A relação direta do processo ensino aprendido nessa perspectiva da educação contextualizada passa a ser a do conhecimento gerado no dia a dia nas relações e criações comunitárias do saber no diálogo permanente com os conteúdos da sala de aula. A pedagogia do aprender a fazer se recria a cada dia na tentativa de atender a demanda existente de alunos que chegam na escola com inúmeras dúvidas e afirmações trazidas de suas vivências e relações familiares, ao mesmo tempo que encontram respostas para algumas inquietações também levam outras para o cotidiano real. Nesse sentido a educação escolar transforma-se em algo que interage e modifica o saber popular em respostas e compreensões para o sentido e significado da própria vida. Souza e Reis (2003), diz que:

Essa nova forma de aprender a fazer, de pesquisar e de recriar a ação pedagógica tem sido um desafio para a escola, os professores e os alunos, que se vêem diante de uma nova perspectiva de construção do conhecimento, em que o saber passa a ser o principal instrumento de interlocução entre o que se aprende e o aquilo que se faz cotidianamente (SOUZA e REIS, 2003, p. 18).

Ser um professor nos dias atuais remete uma série de desafios colocados por diversas situações, talvez a mais séria que afeta a motivação e a própria sobrevivência desse profissional é a desvalorização dessa categoria que trabalha com remuneração deficitária, falta de recursos didáticos e falta de tempo e de investimentos em sua própria formação profissional.

No entanto, se existem irregularidades e descontentamentos na sociedade atual a forma de corrigi-los passa necessariamente pelas mãos do professor, o bom educador vê na expressão facial de cada aluno a possibilidade da mudança necessária à sociedade, é na sala de aula que pode ocorrer a transferência de desejos, vontades e sonhos de geração a geração.

Araújo (2017), em suas palavras afirma:

Ainda que a desvalorização do professor seja uma realidade presente em nosso meio, não podemos perder a esperança e nem esquecermos que temos uma responsabilidade a nós incumbida de contribuir significativamente para a educação das crianças e jovens como também para seu progresso na sociedade como cidadãos capazes de cumprir seus deveres e exigir seus direitos (ARAÚJO, 2017, p. 107).

A escola como espaço legítimo de transformação social busca se renovar cada dia atendendo as necessidades e exigências vindas das demandas externas. Nessa tentativa de acompanhar as mudanças, a educação contextualizada se apresenta como uma forma de garantia de que as solicitações da sociedade serão contempladas. A adequação do currículo conforme às necessidades da realidade, acompanha as exigências de um aprendizado com sentido na vida

do aluno, atendendo não somente as competências externas à escola mas também provocando mudanças no ambiente interno escolar tanto no que diz referência a própria estrutura física como também na adequação profissional de seus educadores para estarem atentos aos sinais da realidade e atender de forma qualificada essa demanda.

Souza (2005), diz que:

Cabe, portanto, à escola, possibilitar um tipo de conhecimento que permita que os sujeitos possam dialogar e refletir sobre a realidade que os envolve e, assim, intervir de forma mais responsável e comprometida. A escola, como espaço de intervenção, constitui-se, assim, num instrumento que pode provocar não apenas mudanças externas, como e principalmente internas (tanto no que se refere à própria estrutura da escola como espaço de formação, quanto, e principalmente aos sujeitos sociais que a constituem) (SOUZA, 2005, p. 29).

Sabemos que a grande maioria de nossas escolas ainda se encontram fora dos padrões ideais de qualidade e de conforto aos nossos alunos, principalmente no que diz respeito às estruturas de apoio ao ensino como laboratórios e bibliotecas, mas mesmo diante dessas fragilidades temos muitas experiências exitosas que afirmam e testemunham que as adequações curriculares quando feitas com responsabilidade e com o objetivo de tornar o espaço escolar mais humanizado, oferecem bons resultados tanto para as avaliações aos quais os alunos são submetidos quanto ao processo de se tornarem mais conhecedores de seus aspectos locais e com isso poderem dar sentido ao aprendizado e modificarem suas realidades buscando melhoras.

Ribeiro (2017), afirma que:

O cenário atual, ainda, não se configura como o pensado, mas, hoje existem experiências que comprovam a eficácia nos resultados obtidos pelos educandos/as, que podem evidenciar que uma educação pautada nos princípios da dialogicidade e do respeito aos contextos pode vir a ser a estratégia viável para a promoção da equidade da educação (RIBEIRO, 2017, p. 43).

A perspectiva de implantação de uma educação com significado perpassa trabalhar aspectos que condizem com as realidades sociais, ambientais, culturais, fundiárias, econômicas, políticas pertinentes à realidade na qual o aluno está inserido, não é interessante falar sobre os nutrientes dos alimentos para um aluno que está faminto da mesma forma que não é motivador abordar conteúdos sobre os avanços da medicina para um aluno que não tem acesso nem ao sistema de saúde pública.

Contextualizar o estudo significa ir de encontro aos motivos que causam as desigualdades sociais, o desequilíbrio ambiental, a origem do movimento dos sem terra, entre outros.

A atualidade muitas vezes é um convite a esquecer o passado ou ao que remete atraso, para muitos o espaço rural é sinônimo de regresso de subdesenvolvimento, um lugar de onde quem já veio não quer mais voltar justamente por ser um ambiente discriminado e muitas vezes sofrer sérios preconceitos. Talvez por essa razão a educação do campo precise ser resignificada no seu teor de importância e reconhecimento das potencialidades e possibilidades que este ambiente favorece aos seus habitantes. Isso não é tarefa fácil, sobretudo porque o espaço urbano se sobrepõe e agrega os interesses e apoios para se desenvolver e autopromover em detrimento de outros espaços.

Vejamos o que afirma Alves (2017):

Os desafios existentes em meio ao processo de ensino-aprendizagem para os professores das escolas do campo são muitos, sobretudo, no que se refere à mudança de postura desses profissionais frente à análise de propostas curriculares descontextualizadas da realidade do campo. Logo, buscar superar esse e outros desafios é fundamental para todos os educadores e educadoras que objetivam que o campo se configure como um lugar de existência e a escola, por conseguinte, seja importante para o pleno desenvolvimento educacional dos educandos (ALVES, 2017, p. 166).

A grande contribuição da educação contextualizada para essa e para as gerações futuras, sem dúvidas é permitir a visibilidade e o entendimento da realidade local a partir do chão que se pisa, sem desconectar essa realidade local com a realidade do universo. Contextualizar significa abrir as mentes para a compreensão de que o ocorrido no outro lado do planeta tem relação direta com o que está aqui no nosso “terreiro”, é compreender que nossas próprias origens e tudo o que nos define e identifica esteja provavelmente em outro continente, mas porém mantemos ligações diretas e próximas de forma sistêmica tudo nos une. Conhecer as nossas origens nos permite uma melhor aproximação dos outros e de nós mesmos.

Segundo Bezerra (2006), devemos sempre pensar e agir de forma integrada:

Ações locais sim, mas globalmente sintonizadas e integradas por uma visão sistêmica e holística. Uma visão que enxerga a realidade numa ótica multidimensional e leva a reflexões sobre as ações. Reflexões críticas e criativas que possam gerar novas ações melhoradas. E assim por diante, num processo gerador de resultados concretos na busca da emancipação e da auto-sustentação locais, onde os capacitados possam se animar e se descobrir enquanto sujeitos construtores/transformadores de sua própria realidade, interagindo uns com os outros e procurando transformarem-se ao mesmo tempo (PRÁXIS) (BEZERRA, 2006, p.58).

A educação moderna aponta como direcionamento de aprendizagem a ativação de vetores emocionais que despertem no aluno a motivação de interagir e sentir-se parte do processo de discursão dos conteúdos em sala ou fora dela. Um elemento que prende a atenção do aluno é considerar como conteúdo pedagógico os aspectos diversos que estes trazem de suas realidades, por conhecerem tais assuntos sentem-se protagonistas da problematização, motivados por poder emitir sua opinião ou parecer sobre o determinado assunto se sentem emocionalmente úteis e visíveis na discursão acadêmica.

A presença diversa dos alunos no ambiente escolar, já nos comprova a complexidade existente de saberes e conhecimentos advindos de seus relacionamentos e vivências cotidianas, que inevitavelmente entram na escola com eles e que nem sempre são visibilizadas pelos professores, a escola apenas precisa estar atenta e sensível aos direcionamentos que a modernidade educacional aponta como solução. Araújo (2017) afirma que:

Dentre as discussões que precisam estar presentes na escola estão as diversidades que os próprios educadores e educandos levam consigo para as escolas, quais sejam: diversidade de gênero, raça, etnia, sexualidade, cultura, religião e classe social. É necessária uma articulação favorável à compreensão de tais questões e como a escola precisa se posicionar e se responsabilizar por uma educação que consiga abraçar da melhor forma possível a pluralidade cultural existente, pluralidade esta que inevitavelmente está na escola. Não há escolha entre se incluir essas temáticas ou não, pois já estão lá, e com certeza é um desafio que não somente ameaça e nem bate à porta das instituições, adentrou os espaços, estão lá. E o que fazer a escola agora? (ARAÚJO, 2017, p. 102).

Há uma crescente necessidade de articular as diversas instituições que atuam no cenário local, a fim de bem se mobilizar e atenuar desperdícios de energias em prol das aprendizagens significativas dos alunos no âmbito escolar. Acontece porém, que em muitas situações temos vários atores sociais atuando com objetivos e finalidades semelhantes porém de forma isolada, tendo muitas vezes que elaborar seus diagnósticos iniciais e propor suas intervenções que não se sustentam por falta de diálogo e parcerias com os outros interventores dessa realidade.

Essa não é uma articulação fácil pois para muitos educadores o saber escolar ainda é visto como um saber que ele não consegue dialogar com outros saberes presentes no âmbito escolar. É necessário portanto que se construa uma forma legítima de educação que considere as diversas e possíveis formas de colaboração na formação do processo educativo sustentável.

Nóvoa (1995) firma ainda que:

A escola tem de ser encarada como uma comunidade educativa, permitindo mobilizar o conjunto dos atores sociais e dos grupos profissionais em torno de um projeto comum. Para tal é preciso realizar um esforço de demarcação dos espaços próprios de ação, pois só na clarificação destes limites se pode alicerçar uma colaboração efetiva.

(...) Mas nada disto se decide num vazio social, fora de redes complexas de poderes, que mergulham em fontes distintas de legitimidade. Por isso, há que se inventar formas diversificadas de parceria entre os vários atores sociais que intervêm na instituição escolar, investindo-se com um poder efetivo de regulação das atividades escolares de pilotagem dos projetos educativos (NÓVOA, 1992, p. 35-36).

A contemporaneidade impõe uma forma diferenciada de pensar e buscar alternativas que contemplem as demandas atuais, nos coloca a refletir sobre a função das instituições de ensino “nestes tempos” e nos faz perceber que há uma necessidade de inovar, acompanhar os processos de desenvolvimento humano. Temos professores com uma soberba carga de trabalho, cobrados a dar resultados avaliativos no fim do ano letivo, com condições desfavoráveis de recursos didáticos e infraestrutura escolar, nítido desconforto salarial, o que impossibilita um auto investimento na carreira profissional na aquisição de equipamentos, formação, pesquisa, na busca da inovação. Toda essa situação de negatividade certamente será, de uma forma ou de outra, repassada aos alunos, efetivamente não teremos uma sociedade desenvolvida e preparada para atender aos anseios da modernidade se não mudarmos a forma de ensinar e de aprender, promover situações pedagógicas que despertem o desenvolvimento de suas próprias técnicas de aprendizagem, leitura e compreensão do mundo, estaremos fadados a permanecer nesse distanciamento de séculos entre a aprendizagem necessária e a juventude atual.

Senão vejamos o que nos diz Planet (2016):

Infelizmente, as escolas contemporâneas não prestam a devida atenção aos métodos de aprendizagem. São escassas as iniciativas para encorajar os alunos a se auto-observar, a aplicar estratégias de memorização ou a desenvolver suas próprias técnicas de aprendizagem. Os professores focam no ensino de suas disciplinas – eles não têm tempo de ajudá-los a desenvolver habilidades de meta-aprendizagem. Não são culpados, já que são obrigados a seguir o conteúdo em determinado período, e em geral esse é o único fator pelo qual seu desempenho é avaliado. A meta-aprendizagem deu a oportunidade de fazer fortuna a algumas empresas que oferecem cursos de leitura dinâmica ou técnicas de estudo, e a autores de autoajuda que contam segredos que mudarão a vida do leitor por apenas o preço de um livro. No entanto, no mundo ideal, a habilidade de aprender deve ser uma das mais significativas e fundamentais que se adquire na escola (PLANET, 2016, p. 28).

A modernidade exige que atentas e inovadoras medidas sejam tomadas no sentido de chamar a atenção do aluno para a aprendizagem que os tempos requerem que sejam repassadas para eles. Há uma grande necessidade de entender e buscar a forma adequada de ensino que satisfaça o aprendiz e que ao mesmo tempo seja motivador e estimulante para a atual juventude, infelizmente a linha de formação da maioria de nossos professores não atende as expectativas de aprendizagem para além de repassadores de informações.

O contexto da aprendizagem tem que ser visto de forma significativa sob uma abordagem sistêmica e integrada com todas as áreas de conhecimentos e com os saberes produzidos oralmente pela comunidade local, associando toda essa aprendizagem com a busca de resolução para os problemas reais da população. Brasil (2010) afirma que:

Para interessar aos alunos, a escola deve deixar de ser “auditório de informações” para se transformar em “laboratório de aprendizagens significativas”. Reforça-se, nesse sentido, a necessidade de reconhecer a importância da superação das barreiras rígidas entre as disciplinas, que propiciam saberes fragmentados e descontextualizados, mediante abordagem interdisciplinar, a qual, todavia, não desconheça as especificidades e identidades próprias das disciplinas, mas que busque as articulações entre elas e com problemas presentes na vida (BRASIL, 2009, p.14).

Nunca foi tão atual o conceito de que a educação precisa se atualizar, as mudanças estão ocorrendo “da noite para o dia” o novo aprendizado se torna ultrapassado muito rápido, estamos diante de um elevado nível de desenvolvimento tecnológico que avança em uma escala ainda não mensurável. Quando conseguimos entender e identificar o “chão” ao qual pisamos, imediatamente este evolui para um nível superior de forma que não estamos tendo o tempo e as condições necessárias de levar esses conhecimentos até os alunos de forma que estes possam ser instigados a utilizar suas capacidades de absorver tais conhecimentos.

Nesta realidade o erro se faz necessário na busca dos acertos, é preciso ousar na tentativa da inovação da aprendizagem porém sem nunca perder o foco do sentido da educação que é preparar o aluno para a vida, como afirma Ramos (2019):

Os novos tempos estão a exigir um novo conceito de Educação, capaz de levar os alunos ao limite de suas potencialidades, preparando-os para um mundo cada vez mais globalizado e de frequentes descontinuidades tecnológicas. Isso requer uma escola que os ensine a se adaptar ao novo, a experimentar e a não ter medo de errar – só inova quem tem possibilidade de errar. O País precisa oferecer uma escola que seja capaz de preparar o aluno para a vida (RAMOS, 2019, p.28).

O planeta passa por uma crise ambiental que coloca em risco a própria manutenção da espécie humana, muito embora poucos percebam mas a crise na realidade não é só ambiental mas também comportamental e educacional, haja visto que dentro do processo pedagógico de condução das aprendizagens muito pouco ou nada se orienta sobre as necessidades de equilíbrio da fauna, da flora e de todos os recursos naturais disponibilizados pela natureza para a manutenção do Planeta Terra e todas as suas formas de vida nele existentes. A lógica da crise ambiental é a seguinte: se eu não conheço a importância do ambiente e como seus mecanismos atuam no equilíbrio do planeta eu não darei a devida importância, logo se a educação não

trabalha esses conteúdos direcionados em sala de aula na linha conservacionista e preventiva de catástrofes, não poderíamos ter outro resultado senão essa desarmonia ambiental.

Nessa linha a contextualização da educação pode ser de fundamental importância visto que ela aborda as temáticas da realidade dos alunos e busca promover soluções para os problemas comunitários, como por exemplo os desmatamentos, a poluição sonora, os lixões, entre outros.

O mundo está a todo instante sob mudanças, somos frutos de uma longa evolução, seja ela: física, social, motora, comportamental, etc. A ciência mudou, os meios de comunicação mudaram, teorias foram descartadas e novas passaram a existir, aconteceram grandes descobertas e outras nem tão grande assim, mas que afetou de forma direta e indireta a maneira de pensar e agir de muitos indivíduos nos dias atuais. Com isso, entendemos que a educação não pode ser gerida da mesma maneira que há 10, 50 ou 100 anos atrás. É urgente a necessidade de um aperfeiçoamento e integração das técnicas de ensino desenvolvidas atualmente, que saiam dos moldes que Paulo Freire tanto criticou, aquela educação bancária, ditatória e opressora, uma modernização do ensino tem sido cada vez mais necessária para que os objetivos do ensino sejam de fato atingidos e tenhamos de fato uma educação para todos, inclusiva, reflexiva e ativa.

Pensar uma educação que trabalhe com todos os aspectos da vida humana, principalmente que desperte no educando um sentimento de responsabilidade social e de comprometimento com o outro e com o mundo. Seres mais conscientes de suas ações e dos impactos que as mesmas podem gerar na vida do outro e do meio em que vivem, a educação formal não deve se concentrar apenas nos textos e cálculos mas também no contexto social e na nossa casa comum.

De certo que precisamos de pessoas que leiam textos maravilhosamente bem, mas, sobretudo necessitamos de pessoas que leiam o mundo com a linguagem do amor e da sensibilidade, que desperte para a construção de uma sociedade mais sustentável e capaz de encontrar soluções que ajudem a florescer vida no meio do caos.

Segundo Silva (2008):

A elevação da escolaridade, com base numa educação contextualizada, também poderia ter consequências significativas nas demais áreas sociais e produtivas, fortalecendo a consciência ambiental sobre as potencialidades e fragilidades dos ecossistemas e do aprendizado e desenvolvimento de práticas apropriadas (SILVA, 2008, p. 2008).

Faz-se necessário uma renovação do ensino, das técnicas e metodologias de como os conteúdos são discutidos e pensados com os alunos. Que dialogue com todos os aspectos de vida pessoal e social do educando, que seja um ensino prático e que comungue com a realidade vivida e almejada por cada aluno e aluna. Para tanto, é importante que os educadores desejem e percebam a importância de uma educação contextualizada para os dias atuais, o papel do professor neste momento é imprescindível, pois é ele quem deve fazer a ligação do saber científica com o saber popular e social, não deve mais haver dissociação de saberes, precisa-se nos dias atuais de críticos científicos e mais que isso de críticos sociais e esta ação tem que ser exercitada também dentro do espaço escolar, não apenas pelos alunos mas também pelos educadores.

Por este motivo que Ramos (2019), afirma que:

A educação necessária para o século 21 é aquela que enfrenta simultaneamente as dívidas do passado – que ainda hoje reprovam, excluem e atrasam os estudantes – e as exigências contemporâneas que pedem um novo patamar de competências para a vida, o convívio e o trabalho (RAMOS, 2019, p. 72).

As exigências que a modernidade imprime ao setor educacional torna-se capaz vez mais voraz, visto que este nem sempre consegue acompanhar o nível de evolução imposto diante da demanda contemporânea, essa cobrança muitas vezes é repassada aos professores para que estes deem os resultados esperados pela sociedade moderna. A cobrança exagerada sem as devidas condições de trabalho, podem gerar repasse de posturas autoritárias com relação aos alunos para que estes deem os resultados cobrados de aprendizagem, gerando inconscientemente situações opostas ao que a educação verdadeiramente se propõe que seria de libertação e promoção do protagonismo democrático.

Torna-se então necessário que o professor assuma uma nova postura diante da demanda moderna do sistema educacional, pois não se mudará as injustiças com atos ditadores, a disponibilidade de recursos aliada à formação de professores na perspectiva da pedagogia inovadora se faz necessário.

Considerações Finais

O momento histórico presente parece exigir dos professores o delineamento de uma nova postura pedagógica. De nada adianta combater externamente os opressores, quando o próprio professor não se apresenta como um facilitador e sim como um censor, em suas relações

com os alunos. É muito importante não reproduzir em sala de aula as mesmas injustiças e banalidades encontradas na sociedade em geral.

Temos na educação escolar um desafio muito grande, que é de se estabelecer conexões, fazer com que o conteúdo curricular seja compreendido e exercitado na prática. A contextualização surge com a intencionalidade de tornar esse desafio mais fácil de ser superado.

A contemporaneidade exige a compreensão de um diálogo do passado com o presente. Por este motivo é que se exige uma flexibilização do currículo escolar, de forma que contemple a contextualização e que facilite a comunicação entre o que é dito nos livros e, o que é vivenciado na prática pelos alunos.

A educação tem como responsabilidade essencial, a preparação das novas gerações. Esses atores serão os grandes protagonistas (educadores, famílias, governos e sociedade) que devem estarem atentos aos processos de educação e escolarização. Inclusive atentos as reflexões sobre as problemáticas humanas e sociais, propondo novas reflexões, ações e soluções para os problemas sociais que estão postos, o que notadamente implica em discussões sobre o currículo.

Sabemos que a modernidade traz muitos desafios no campo educacional, mas talvez o mais desafiador seja como nos adequar de forma tão rápida e, diante de tantas demandas novas que surgem no dia a dia. O currículo contextualizado pode ser uma das alternativas mais viáveis para se atender a demanda educacional na contemporaneidade.

Referências

ALVES, Rafael Santana. **O impacto da proposta curricular e a ressignificação da prática pedagógica no âmbito das escolas do campo da rede pública municipal de ensino de Juazeiro-BA.** Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB / 2017.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Territórios educativos na educação do campo: escola comunidade e movimentos sociais** / Maria Isabel Antunes-Rocha, Maria de Fátima Almeida Martins, Aracy Alves Martins, [organizadoras]. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2012. – (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 5)

ARAÚJO, Jefferson Flora Santos de. **O currículo e as práticas pedagógicas (des)contextualizadas da escola no campo do semiárido paraibano.** Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre pela Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação – UEPB / 2017 Campina Grande - PB.

ARAÚJO, Rafaela Santos. **Atos curriculares na escola no campo:** proposta para uma educação contextualizada / Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB / 2017 Jacobina - BA.

BEZERRA, Antonia Geane Costa; Dione Costa Bezerra. **Gestão local do desenvolvimento sustentável:** socializando o apreendido AACC – 1985 – 2003 / Ilustrações Leninha Costa. – Natal, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.** Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária PRONERA. Brasília: 2010. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/dec_pres_7352_04112010.pdf> Acesso em: 15 fev. 2016.

LIMA, Elmo de Souza; MELO, Keylla Rejane Almeida. (Organizadores). **Educação do Campo:** reflexões políticas e teórico-metodológicas. Teresina: EDUFPI, 2016.

MARTINS, Josemar da Silva. **Educação com pé no chão do sertão:** proposta político-pedagógica para as escolas municipais de Curaçá/Josemar da Silva Martins & Aurilene Rodrigues Lima – Curaçá, BA: SEME/ IRPAA/ DCH III, 2000.

NÓVOA, António (1992). **Os professores e as histórias da sua vida.** In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de Professores* (2ª ed.). Porto, Porto Editora, 1995.

PLANET, Young Digital / organizador - **Educação no Século 21:** tendências, ferramentas e projetos para inspirar / [tradução Danielle Mendes Sales]. – São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

RAMOS, Mozart Neves. **Sem educação não haverá futuro:** uma radiografia das lições, experiências e demandas deste início de século 21 / [textos] Mozart Neves Ramos. — São Paulo: Moderna, 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Santos Granja. **Descolonização do currículo nas experiências de Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro:** um olhar sobre as escolas do campo no Sertão do São Francisco. Juazeiro, 2017. 187 f.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido:** transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. / Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

SOUZA, Ivânia Paula Freitas de. **A gestão do currículo escolar para o desenvolvimento humano sustentável do semiárido brasileiro** – São Paulo: Peirópolis, 2005.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MAGALHÃES, José Gilmar; MIGUEL, Joelson Rodrigues. Concepções Pedagógicas e Adequações Curriculares nas Escolas do Campo. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 620-634. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/04/2020;

Aceito: 25/04/2020